

# A EXATIDÃO DO CAOS

ANDRÉ MIRANDA SILVA



## ASTENIA

*as.te.ni.a s.f. MED perda ou diminuição  
da força física”  
– Houaiss*

ASTENIA é essa eterna saída do caminho no meio dele. É esse sempre parar com as coisas sem que nada tenha acontecido. É encontrar muros e não subi-los. É ser impedido e unca impelido. É sair do jogo sem começar a jogar. É a impotência, a impossibilidade de encarar o desafio. É a perplexidade diante das coisas do mundo. A incapacidade de apreender as informações e processá-las. É não entender e não ser entendido. É sempre o equívoco e a insegurança depois. Astenia é não viver.

eu sei eu sei  
que tem muito  
que eu não sei  
    o que é melhor  
    olhar a lua cheia  
    ou fotografias  
    de abelhas?  
o mundo bate  
ou melhor  
as coisas  
    eu não tô na reali  
    são muitos caminhos  
    e muitas escolhas  
ou talvez  
tudo é tão simples  
que eu ainda não vi  
    não sei não sei  
    nem vivi  
  
cansei.

mas enquanto descrevem a  
estrutura do dia ou  
a gramática da língua  
em folhas de papel  
folhas caem  
das árvores  
e não podem  
ser faladas  
as palavras são muito bonitas  
mas já não bastam

se ninguém viu      ouviu  
não existe  
    as folhas dos livros  
    as folhas das árvores  
    têm o mesmo valor  
    e são inúteis  
se o sol explodisse  
eu morreria  
agora ou  
em bilhões de anos  
    se eu morrer eu não tenho  
        nenhum plano b

preciso que me dê a mão  
porque a vida é infinita  
e o instante me assusta  
    ou todo mundo é ruim  
    ou sou só eu  
que estou lá fora  
ao meio dia  
hora em que nada  
nada circula  
    se eu dissesse  
    uma mentira  
    sei que não gostaria  
a vida são só pastos  
e pontos de ônibus  
    por isso vamos  
    correr correr  
    até cair  
mesmo sem chegar  
a nenhum lugar nenhum  
    o importante  
    é estar.



fala  
é mais fácil  
que a desfala  
e mais difícil  
que a não fala

resvala no  
querer dito  
o que se  
quer dizer

e o que  
se quer  
se deve  
nunca  
interditar

raiva  
contra o mecanismo  
um abissal  
desejo  
de um corpo  
ou copo  
d'água

o abismo  
da não fala  
é vazio  
e muitos são  
os que o acham

(sai dele  
sai dele  
meu povo)

os que não  
podem  
o trabalho  
de se abrir

os que não  
querem  
o peso  
de sorrir

As palavras são muito bonitas  
mas já não bastam  
a vida é vivida  
em não viver  
vidinha de rotinas  
e conveniências

NINGUÉM MAIS GRITA

o poeta que vive em mim  
dorme o dia inteiro  
o deus que vive em mim  
se desconverteu  
nem sempre se pode ter  
tudo que se quer  
as cordas vibram  
o baixo sobressai  
a bateria explode  
mas  
ninguém grita mais

se me pegam na rua  
já era eu  
    a boca se cala  
    e nisso acerta  
a língua é muito falha  
e não serve  
pra defender  
    nem posso me esconder  
    por trás caneta

recebo  
um olhar  
um sorriso  
e ando mais rápido  
desvio

medo  
de realizar

se é pelo bem de todos  
e a felicidade geral da nação  
– mente sã  
corpo são –  
passaremos sim  
em frente a vocês  
na primeira do plural  
passaremos sim  
de mãos dadas  
de braços dados  
de corpos grudados  
passaremos sim  
com fones de ouvido  
para esquecer com que frequência  
vocês nos iludem  
passaremos sim  
de peitos abertos  
e olhos lavados  
para ver o fim  
e o que vem  
muito antes do começo  
passaremos sim  
todos juntos  
para verem o quanto somos  
diferentes e iguais  
passaremos sim  
ao vivo ao meio dia  
para que vocês não precisem  
nem ver seus jornais  
passaremos sim  
para que vejam  
o quanto odiamos  
uns aos outros  
mas para que vejam  
que entre nós  
há sempre a certeza  
do perdão

do alto das sarjetas  
do fundo das calçadas  
de dentro das carteiras  
debaixo das janelas  
    silêncios  
    condições  
    cautelas  
desde o passado até agora  
reclamar não deu em nada  
não é enredo de novela  
os fracos não têm vez  
se você fez algo  
ninguém sabe que fez  
é preciso mais que vida  
mais que funções vitais  
é preciso mais que arte  
é preciso superar  
    vejo arte  
    em toda parte  
    vejo lixo  
    já vi morte  
mas eu não vi  
a solução  
    que é a força  
        que é a firme  
    resolução

é apenas o começo  
andamos calados  
criando aqui dentro  
uma desobediência  
    mas quem somos nós?  
        um pronome  
        rostos frágeis  
a força que calamos  
não vai explodir?  
    (que força?)  
    poderia ser  
    no papel  
    na tela  
    ou na voz  
        digital  
mas as palavras  
elas não bastam  
    não

Poema artefato *vs.* Poema discurso. Sem versus. Só versos.

(Sem trocadilhos ruins como esse). Construir aquela rua de que eu falei. De dentro pra fora. Montar a crocância da casca do pão.

Emoção? Emoção. Construção. Como criar e ainda mostrar o que está? Sem dilemas... (?) Sem tensões... (?)

Poesia é problema (?)



Mas não posso entender que algo nasça do não. A fria negação. A luz trêmula e pálida. Nada serve como alimento. As coisas têm de ser vistas nas suas devidas proporções. Mesmo que assim seja: não ir à festa. Rato de biblioteca. Fichas de cartolina. Mesmo que não seja assim: diversão é solução, sim. É desse modo que se vive – através dele. E seu muito poder. Sim, senhor. Através do sim.

As coisas escapam por entre os dedos. O mundo. O que acabou de acontecer. Como andar de olhos fechados. O tempo é uma poeira fininha. Inalcançável. Inatingível. Intangível. Todos os adjetivos. Principalmente na rotina so-nâm-bu-la. A retina tão dificilmente excitável. Olhar olhar e não ver nada. Viver sem saber. O mundo foge. As coisas. Viver sem viver. Sem viver. Astenia.

*28.4.2015*

o sol refletido no concreto  
machuca as rotinas  
no passo sonâmbulo dos dias  
as calçadas escorrem  
debaixo dos pés que buscam  
uma orfandade voluntária  
aquela outra sozinhez  
que é dentro de si  
em meio a outros

CONSERTA-SE:  
celulares – tablets – PCs  
e nada mais

ninguém pode imaginar a paz  
contida em um copo d'água

o ser transtornado  
se devora em perguntas  
surdas ao extremo:  
o aqui dentro? o lá fora?  
até onde chegar  
à força de verdades?  
e não é sua lembrança  
que passa na janela  
através de muitos metros  
na neblina?  
um segundo passageiro  
se levanta  
cansado de pensamentos repetidos  
até o absurdo.  
o tempo parado  
absoluto  
impede que as coisas  
se dissolvam.  
nem tudo se resolve  
com falagens  
(o general e sua  
falange imperial  
beberam o sangue  
do inimigo –  
beberam um pôr-de-sol  
terra vermelha  
vaso de argila)  
as pontas soltas do passado  
levantadas pelo vento  
marcando os umbrais  
das portas abertas do presente:  
passaremos? ficaremos?  
são dúvidas duplicadas  
na lâmina dura da água  
à beira da estrada

LONG PLAY  
(365 rpm)

LADO A

- *“Deem-me uma outra vida e estarei cantando...”*
  - *Iósif Bródski*, Para minha filha

## 1. Intro

mal nasci  
já planejo crimes  
– que eu traia  
mas não seja nunca traído  
por esta palavra:  
    (ou esta:  
        ou esta:  
            ou esta:)  
– que eu invada  
mas não seja nunca  
invadido por este pudor  
    este desejo escondido  
    de não viver  
    de sentar em cantos  
        de paredes  
    e responder o eco  
        da própria voz  
– que eu tema  
mas não seja nunca vítima  
do medo dos outros  
que tem calado a voz  
dos nossos abraços  
– que eu roube  
mas que nunca tirem de mim  
o que eu tenho de eterno:  
    as paredes do instante  
    que bloqueiam  
    que são maiores que os antes

## 2. voyeur

a.

suéter de losangos e óculos de coração  
 (alguma lolita com frio)  
 esperava o ônibus perto da rua  
 e sorriu juro por deus  
 de mostrar os dentes  
 por trás do batom vermelho

me entristece perceber que eu descrevi a mulher  
 como quem descreve uma caixa de frutas  
 ou um copo com um resto de leite  
 em cima da mesa  
 me perco nessas voltas  
 mas nem aprendi  
 a usar as palavras)

b.

inutilmente esperei um milagre  
 de pé encostado na grade  
 enquanto o ônibus não vinha  
 ninguém se jogou no meu pescoço  
 ninguém ninguém nos meus braços

a ficção alimenta sonhos falsos  
 mas alimenta sonhos  
     essas meninas têm o rosto impermeável  
 maquiagem a prova d'água e de teorias  
 antes da viagem antes de tudo  
 a poesia não tem a menor impotência  
 o poeta grita no livro fechado  
 mas além de livros um país  
 se faz de homens e mulheres  
 de mulheres e mulheres  
 de homens e homens  
 de palavras  
 de ideias  
 etc.

c.

dentro de si é uma mala 007  
 de que ninguém sabe o segredo  
 (exceto é claro aquele amigo  
 matemático mestre em combinatória  
 e convívio social)



maleta dessas que se viola a tiro  
mas eu não saio abrindo  
os mistérios de ninguém  
por muito menos já morri  
por muito menos outros  
já perderam o ponto

uma pessoa que na vida  
só chegou atrasada  
por trocar o sim pelo não e vice-versa

ando a pé não corro o risco de ficar muito tempo  
me prender a quem seja na calçada  
e esquecer a verdade

a verdade a verdade a verdade

*[[repeat]]*

### 3. objeto de desejo

enquanto você não está aqui  
 rugindo suas músicas de  
 pré-duplo-homicídio-suicídio  
 remastigando essas lembranças  
 remasterizadas  
 de um passado inútil  
 ou a nostalgia futura  
 de um tempo impossível  
 e descafeinado      essas  
 fantasias que se vê em toda esquina

enquanto você não está se lamentando  
 e eu não me lamento pra você  
 de não ter agarrado enquanto podia  
 todas as chances que o mundo  
 dava    dava    voltas e eu imóvel  
 bem como um móvel na sala  
 um sofá      calado e útil  
 (você me chamava de  
                  criado mudo  
 e eu não sabia o que era isso)

enquanto você não está fazendo  
 seu habitual espetáculo  
       (a vida é um cinema em  
           dia de chuva)  
 ou torturando as pessoas com  
 sua voz de navalha na carne  
 ou fazendo ligações perigosas  
       uma vida-montanha-russa  
 ou contando vantagem e  
 histórias comoventes que mais parecem  
 piadas sem graça  
 ou servindo nossos olhares  
 de mais um exemplar  
 da sua antiarte inútil  
 ou dizendo futilidades  
 da sua prima ou daquela  
 sua amiga que bem que  
 podia ter morrido  
 ou do seu gato  
 que é só um pedaço gordo  
 de carne de cadáver

enquanto você não vem  
 é como se eu fosse um estrangeiro  
 na minha própria vida

## 4. definições

### 1.

arte é o vazio refletido no espelho  
 enxergar através de lentes  
 antimiopemente      fazer questão  
 de que a água seja bem peneirada  
 correr atrás do vento      pra usar  
 uma referência clássica  
 é fazer com que o velho  
 pareça nascido agora  
 e reformar os olhos com catarata  
 reciclar os ouvidos dos surdos  
 deformar o que está aí  
 para que mudando tudo  
 se chegue à forma real das coisas

### 2.

ela disse  
     Tudo é arte  
         e eu ia começar a dizer  
     Não...  
 – ela me interrompeu com aquele olhar  
 que significa  
     Já vem você me chamar de burra  
  
 (como se eu não fosse a carne  
 que diz sim pra tudo  
 aquele que é ofendido  
 e pede desculpas  
 o desprezível desprezado  
 que se humilha se rebaixa  
 para que os outros sejam  
 os glorificados  
 escondido debaixo  
 das solas dos príncipes  
 do mundo  
 esses outros que nunca  
 jamais levam porrada  
 os que apontam e riem  
 dos que só têm de seu  
 coisas emprestadas  
 – usadores de palavras)

## 3.

inútil dizer o que é o poema

o poema é esse fazer e refazer o nada  
do nada –

silêncios exaltados

nem poucas nem mais palavras

palavra.

## 4.

precisamos de algo mais que definições  
precisamos de edificações de areia  
de fortificações de ar

precisamos de sonhos antes de tudo  
sonhos para realizar dar vender  
ou enterrar no quintal de casa

os meus ideais estão num lugar bem seguro  
enfiados onde ninguém vai pôr a mão

a minha segurança são os cadeados  
e os cadeados dos cadeados

a minha segurança  
é que hoje tudo é automático  
(falo hoje como se houvesse o passado)  
e todos podem sair sabendo que ao voltar  
seus segredos estarão bem guardados  
na boca dos amigos dos amigos dos amigos  
dos conhecidos dos amigos dos conhecidos  
dos ex e dos ex dos ex amigos  
e nem digo nas bocas digo nos dedos  
digo nas redes digo nos bytes dos sites  
lugares onde a eternidade  
é transitória

## 5. Notas

### Ontem

Ouço os barulhos aí de fora e soffro. Ai.  
 Não adianta olhar pela janela que não vem ninguém.  
 Pensei que os diamantes fossem para sempre. Estava enganado.  
 Parece que eles mofam e apodrecem quando na sombra da  
 verdade jogada na cara.  
 Não adianta.  
 Não vem ninguém.

### Há dez dias

A alegria do pão de milho contra as lâminas do álcool.  
 Sabor de cobre e fumaça.  
 Prevejo que vai começar tudo de novo.  
 Estamos preparados para a necessária fuga.  
 Imploro a Deus que seja mentira. Me ouviria?  
 Imploro que a verdade seja o sonho que eu tive ontem. Pai!  
 Como eu soffro!  
 Desenhei no chão com giz.  
 Um jogo. Um zigue-zague. Contra o tique-taque dos que me  
 compram e vendem. Absoluto. Frente a frente não sei falar. Só  
 abraços. Um absurdo.  
 Desse jeito que nos desespera. Dizes pera. Sinto a aflição de  
 seus olhos tão modernos. O que eles querem é o contrário do  
 que eu. Por isso sinto esta como que faca de açúcar quando  
 estou feliz contigo mas a felicidade não é completa porque por  
 mais que eu te toque e ouça você ainda fala uma língua outra.  
 Escrevo pra você sob uma rajada de silêncios, emoções  
 contrárias. Nunca lerá.  
 Mas eu insisto em ver flores e abelhas e lembrar.  
 Além disso o modo como você me faz sofrer e flutuar é  
 totalmente útil pra essa arte fútil.  
 E fatalmente não teremos nenhuma paz.  
 Nem rimas.  
 Querido diário.

### Há vince e cinco dias

A última semana.  
 Sempre éramos idiotas antes de hoje.  
 Ou somos todos os dias mas o fato de ser hoje nos torna cegos  
 a essa idiotice.  
 O ano começa a acabar.  
 Tive que fazer essa tentativa. Se não der não deu e fazer o quê  
 seguir em frente ou em outra direção de modo a nem  
 sequer reste um vestígio dessa coisa absurda que se chama.

Vale a pena ler o último volume?  
 Estou pensando em dar uma volta.

Ar.

*(Ontem assisti a um filminho de adolescentes. Ilusões vãs.  
 Ricos e bonitos. Transgressão convencional. Vale nada).*

### Há trinta e um dias

Essa música me faz sentir insuportavelmente adolescente.  
 Insuportável In-su-por-ta-vel-men-te.  
 O advérbio e-nor-me-men-te po-lis-sí-la-bo.  
 Nem de erva nem de solidão louco de som.  
 Menos lúcido que nunca.

### Depois de amanhã

All you need is love  
 and all I need  
 is you  
 <3

## 6. Notas 2

a.

Essa insuficiência que eu sinto  
essa proibição  
direito negado  
será algum  
resto de passado?

b.

O silêncio é difícil  
de apreender  
As palavras para ele  
são poucas

c.

Aprendo a viver  
com lápis e borracha  
e nunca mais  
com a caneta definitiva

- *fevereiro/março*

## 7. Encantado

pegar  
um  
atalho  
para onde

os sonhos  
são poluções noturnas

ou melhor  
*quando a manhã vem* com aquele  
sorriso besta  
você  
pega na mão dela  
e vai  
dar um passeio muito chato  
mas pode  
porque sofrer é bom  
quando o sorriso  
é bonito



## 8. Maquinaria

planejar essas mentiras  
com a perfeição  
do possível

- 21.4.2015

## 9. Choro

segunda-feira chuvosa e febril  
e míope  
e míope  
e míope

(fazer disso um drama)

## 10. Notas 3

\*

Somos incapazes de perceber  
que estamos aplaudindo  
um ser abjeto?

O que eu fiz em todo esse tempo não significa nada. Esse tempo vazio.  
Intermezzo. Essa idade média da minha vida. Essa nulidade.  
Amasso o papel e jogo no lixo. Mas não tenho nenhuma  
segurança pra amanhã.

\*

arrogância.  
moedas.

## 11. População carcerária

1.

mandam a gente estudar  
mas o que a gente quer é só  
fugir da fábrica ou da vassoura

2.

nossos presos não tiveram a sorte a ousadia de um diploma    alguns só se  
formam pela cela especial

3.

tempo pra pensar...

## 12. Por fim

No princípio  
era o nada.

16.8.15: Dissertação sobre o nada

O Nada.

é necessário escrever/vomitare. mas odeio vomitar, não dá prazer. a cartomante errou o vaticínio. é necessário falar de Nada mas sem falar de nada. Oco. perfeitamente à vontade comigo. não. não se trata de vomitar. mas de conter o vômito. o automatismo: vamos voltar de novo a esse assunto? completamente cansado. buscando esses espaços em branco. antecipar algumas leituras da lista?

Não há um  
LADO B

- *“Atravessamos o presente de olhos vendados...”*  
- *Milan Kundera*

Epígrafes, Prefácio, Prelúdio ou  
PRENÚNCIO PROFÉTICO DO QUE HÁ DE VIR

## DIANTE DA FOLHA BRANCA

Tanta lucidez da vertigem.  
Faz perder o pé na realidade.  
Perder pé dentro de si mesmo,  
sem contrapé, é uma voragem.

Van  
Gogh

Diante da folha branca e virgem,  
na mesa, e de todo ofertada,  
com medo de que ela sorvesse,  
ei-lo, como louco, a estuprá-la.

\*

A folha branca é a tradução  
mais aproximada do nada.  
Por que romper essa pureza  
com palavra não nilpesada?

Mallarmé

A folha branca não aceita  
senão a que acha que a merece:  
essa so sobrevive ao fogo  
desse branco que é gelo e febre.

*João Cabral de Melo Neto, in Agrestes (1981-1985)*

## DÚVIDAS APÓCRIFAS DE MARIANNE MOORE

Sempre evitei falar de mim,  
falar-me. Quis falar de coisas.  
Mas na seleção dessas coisas  
não haveria um falar de mim?

Não haveria nesse pudor  
de falar-me uma confissão,  
uma indireta confissão,  
pelo avesso, e sempre impudor?

A casa de que se falar  
até onde está pura ou impura?  
Ou sempre se impõe, mesmo impura-  
mente, a quem dela quer falar?

Como saber, se há tanta coisa  
de que falar ou não falar?  
E se o evitá-la, o não falar,  
é forma de falar da coisa?

*JCMN*



“What is innocence, after all, if not the promise of future corruptibility?”

1  
\*  
I  
—

8	16	24	32	<i>SATOR</i>
16	32	8	24	<i>AREPO</i>
24	8	16	32	<i>TENET</i>
32	24	16	8	<i>OPERA</i>
				<i>ROTAS</i>

A perfeição vazia ou assimetria significativa? Um equilíbrio, mas nada clássico. Daí que partimos de uma inicial e, por meio de uma série de fatores, chegamos a uma desordem aparente (...)

## A ESCULTURA DE MARY VIEIRA

dar a qualquer matéria  
a aritmética de metal  
dar lâmina ao metal  
e à lâmina alumínio

dar ao número ímpar  
o acabamento do par  
então ao número par  
o assentamento do quatro

dar a qualquer linha  
projeto a pino de reta  
dar ao círculo sua reta  
sua racional de quadrado

dar à escultura o limpo  
de uma máquina de arte  
por sua vez capaz da arte  
de dar-se um espaço explícito

*JCMN*

“Aqui se inicia  
uma viagem clara  
para a encantação”

*Ferreira Gullar*

★

★

## OS VERSOS PROIBIDOS

## 1. 5h25min a.m.

um quarto quando acorda  
é só vapor de suor  
e água pesada de sonho  
ruim de pesadelo

numa folha de papel  
palavras que não dizem:  
    espelhos  
    só repetem  
    o que havia

notas de suicídio forjadas  
em madrugadas brancas  
    nunca vistas  
ilustradas com umas  
fotos falsas em p & b  
    como a vida era  
    antigamente  
monocromática monótona e chata

o título “flores de ferro —  
pra que ninguém precise  
engolir minha diarreia”

e no criado mudo  
sonhos registrados  
toda vez que terminava  
de fingir a própria morte

## 2. Primeiro sonho

isso é uma profecia  
 prenúncio que veio  
 antes  
 prefário do que foi  
 e nunca vai voltar  
 prelúdio do que foi predito  
 e ainda faz eco  
     espalha  
     seus reflexos  
     pelas noites blues  
         — e garante uns bons feels

//

sonhei que o mistério  
 se afastava de mim  
 e eu podia sentir  
     seu perfume  
         se despedaçando  
 e eu fechava minhas mãos  
 tentando prender o aroma  
     mas buscar manter  
     o que ia embora  
 por resolução firme e própria  
     era a pior cadeia  
     a pior tortura

//

sonhei que o mistério  
 se abria  
 e se entregava a quem  
 pensasse o contrário  
 das ideias nele  
     a quem  
 não pudesse ser mais diferente  
 de si mesmo na frente do espelho  
 a quem menos soubesse ler  
 as entrelinhas  
     e a mim  
         o único cego que sabe  
         a cegeuria  
         sua e dos que o cercam  
 o misterio virava a cara  
 e não queria toque  
 nem palavra

//

sonhei que o mistério se desfazia  
assim que era tocado  
e voltava a se juntar  
quando eu dava um passo  
atrás  
e eu fugia dessa luz  
intermitente  
para a segurança das coisas  
concretas e acabadas  
as estradas e as praças  
retas e constantes



### 3. Lá fora

andar na rua com livros  
debaixo do braço  
porque a leitura isso e aquilo  
    mas o mundo ainda escorre  
    por entre os dedos  
        pra que serve a mão  
        que não pode segurar  
        as coisas    suarazão?  
os olhares e pernas cruzados  
nos bancos em que  
os cafés ao lado esfriam  
    esfriam as vontades  
    depois de alguns segundos  
já é rotina andar no automático  
aceitar a verdade absoluta  
do outdoor da camiseta  
    conseguir um prazer  
    pouco ou nenhum  
    explorando a autotortura  
o mendigo que cursou teologia  
e pede um dinheiro pra cachaça  
    ganha  
    é um prêmio pela sinceridade  
        tem gente  
        que nunca diz o que quer  
        e não vale um cuspe  
os carros correm  
são o moto perpétuo  
o motor que produz  
o ar puro  
com cheiro de cidade  
    a aparente desordem  
    dessa tarde  
    não é mais que um outro jeito  
    de arrumar as coisas  
que eu morra  
mas nunca veja demolida  
aesquina onde eu sorri  
e ganhei um sorriso  
que esta queimando até agora

#### 4. Novamente dentro de si

vontade grande de traduzir  
o de dentro no de fora  
que anda e fala  
    mas é complexo o que separa  
    uma parte de outra parte  
é tênue  
que nem  
uma gilete  
e é espesso e alto como uma muralha  
construída de verdades  
    das que importam  
    as que ninguém sabe.

outro fim

x

outro sim

Letras soltas  
e sem  
referente real  
sem ordem  
o caso  
sem régua  
e o esquadro  
ainda com a mão direita  
(não significa nada)  
não estudei semiótica  
dispenso suas palavras  
e seu auxílio  
o caos  
sem espaço para pensamento claro  
ordenado  
que não seja digressão  
sou obrigado a sempre mostrar essa face  
serena compenetrada mas é mentira  
vou escrever direto e erro coisa suja  
palavra mijada que é pra isso que serve  
ter caderno e caneta  
se agora me dou à poesia  
pensada é aquela poesia que constroi

em torno de nada    toda a força do oco  
 que do vazio faz eco    mas com essa  
 poesia    que é o muito pensar em nada  
 e construir um labirinto    de paredes  
 rabiscadas no plano preterérito    medi-  
 das traçadas e calculadas com réguas  
    não


consigo escapar deste outro labirinto  
 e tenho que usar a palavra que é ideia  
 e não tijolo e escrever um como que  
 relato de como estou    algo que é só  
 jogado    quase aleatório    labirinto tam-  
 bém    mas sem elegância e regra  
           caos também            mas inexato  
 dança aleatoria    passos inventados na  
    hora  
 hora    sem coreografia

e

se estou escrevendo aqui é porque pra isso  
 que serve um caderno: pra pensar e não  
 pra empilhar versos.

# *Caderno de Exercícios*

14 de julho de 2015

Labirintos  
Poemas para mim  
  
(escritos)

**NÃO-POESIA**

algo se quebrou  
 e não é nada  
 e por isso agora se começa  
 as coisas pelo meio  
 estou cansado de crer  
 nas mentiras que invento  
 não é como se eu existisse  
 ou devesse existir  
 já falei sobre isso  
 em outra ocasião  
 a impossibilidade de mim

—— // ——

é so não procurar  
 que ela virá  
 e assim eu fico na espera  
 de algo que não se sabe  
 e que eu não mereço  
 porque não me esforcei  
 é so não esperar  
 quando menos se espera  
 ela vem  
 e então eu fico querendo  
 sem a menor esperança  
 de que um dia venha mesmo  
 é so não querer  
 e assim eu não quero  
 o que mais desejo

—— // ——

Quantas vezes eu já disse  
 que é como se eu dormisse  
 e agora  
 estivesse acordado?

E quantas vezes eu já disse  
 que é agora que eu acordo?

Mas como pode alguém  
 que já estava acordado  
 acordar de novo tanto  
 tantas vezes?

—— // ——

Encher o papel do completo vazio  
 eco de nada  
 oco

—— // ——

Alguém como você me disse que não é bom  
chorar.

Alguém como você  
que também não sabe o que falar.  
Alguém como você  
que também não sabe o que fazer.

Então eu estou andando so com os pés  
e você ou alguém assim me disse  
que não vale a pena andar so.

Então eu estava cansado de falar de mim  
e você ou outro alguém me deu  
matéria nova para os meus poemas.

E eu aprendi o valor dos diamantes  
E eu aprendi o valor dos diamantes

Alguém como você me ensinou  
o valor dos diamantes

Alguém como você  
sem nem saber  
me ensinou a viver.

\*



## Andrea Doria - Legião Urbana

Às vezes parecia  
Que, de tanto acreditar  
Em tudo que achávamos tão certo  
Teríamos o mundo inteiro  
E até um pouco mais  
Fariamos floresta do deserto  
E diamantes de pedaços de vidro

Mas percebo agora que o teu sorriso  
É indiferente, quase parecendo te ferir

Não queria te ver assim  
Quero a tua força como era antes  
O que tens é só teu, e de nada vale fugir  
E não sentir mais nada

Às vezes parecia que era só improvisar  
E o mundo então seria um livro aberto  
Até chegar o dia em que tentamos ter demais  
Vendendo fácil o que não tinha preço

Eu sei, é tudo sem sentido  
Quero ter alguém com quem conversar  
Alguém que depois  
Não use o que eu disse contra mim

Nada mais vai me ferir  
É que eu já me acostumei  
Com a estrada errada que eu segui  
E com a minha própria lei

Tenho o que ficou  
E tenho sorte até demais  
Como eu sei que tens também.

Alguém como você  
me disse que não é bom chorar  
Alguém como você  
que é apenas aprendiz  
Alguém como você  
que também não sabe o que fazer.

Então eu estava andando fora do caminho  
e você ou alguém assim me disse  
que é bom não andar só  
que é bom sair do vazio  
e da escuridão.

Eu estava cansado de tanto falar de mim  
e você ou alguém assim  
veio me animar  
sentou do meu lado encostado no muro  
com a mão na minha mão:  
e ouviu cada silêncio.

E eu aprendi o valor dos diamantes.

Alguém, talvez você, me ensinou  
que uma pedra bruta  
ainda não mostrou seu valor.

Você ou alguém igual  
sem ter a intenção  
me fez (vi)ver o sim  
e esquecer o não.

E eu aprendi o valor dos diamantes.

## “Tanta lucidez da vertigem”

Levanta ainda com vestígio  
de absurdo fechando o olho  
precisa uma bebida áspera para afiar a lâmina  
de ver com lucidez

Anda em exercício  
de enxergar as coisas coisas  
não além não menos  
Não se move de si senão para  
branquear o branco  
endurecer o diamante

Fala o objeto em gesto reto  
da mão  
que varia o ângulo  
e não faz arco  
Quem sabe a agulha  
de milhões de vértices  
do redondo?  
Do paradoxo umami  
gosto ímpar  
cinco  
mas de aresta polida  
sem excesso sem falta

Para quem sai da cama  
com um ritmo irritante  
no ouvido  
nada é mais tortura e desaforo  
que encostar a orelha  
em si mesmo e ouvir  
os vários ecos do oco

\*\*\*

O labirinto a ser criado é o labirinto da vertigem da linguagem. O labirinto da lucidez da palavra coisa. Com seus caminhos que se bifurcam. Por exemplo:  $\left\{ \begin{array}{l} \text{uma coisa} \\ \text{outra coisa} \end{array} \right.$ , e nem sempre simétricos em espelho. E sempre a libertação do já feito e do alheio. Ainda que eu queira ser um eco ou continuador. É ainda em oposição que se faz essa continuação.

—————X—————

Oposição a tudo, sem matar nada nem ninguém. Mas também, trata-se aqui do so called sistema poético estabelecido de antemão, que é meu sistema, não regras ditadas a ninguém. Regras so pra mim mesmo. O Tarik disse: estudar. Estudar até que se me posso talvez chamar poeta, ou escritor.

Os ricos gostam de dormir até tarde  
apenas porque sabem que a corja  
tem que dormir cedo para trabalhar de manhã  
Essa é mais uma chance que eles  
têm de ser diferentes:  
parasitar,  
desprezar os que suam para ganhar a comida,  
dormir ate tarde,  
tarde  
um dia  
ainda bem  
demais.

— *O Cobrador*

## Fractal

o todo tem todos  
como tijolos

coisa dentro da coisa  
feita de ela mesma

e mesmo os ocos  
e os interstícios  
são o algo  
em negativo

salientam  
o recursivo

para saber tudo  
que tem que saber  
tudo  
antes de

o infinito é  
uma  
cópia de si

repetida repetida  
sempre outra

1.

encontro com si mesmo  
o espelho bipartido  
de fim a fim

humanamente um resto  
uma cara de um cara  
como se chama essa  
espécie de objeto  
sem utilidade prática

e com as mãos  
comentário da pele

as nações guerreiras -  
loucas de automatismo

mas talvez uma pistola  
e não tem volta  
do pensamento

1.

encontro consigo  
espelho bipartido  
cego de luz  
de fim a fim

essa coisa humana-  
mente colocada:  
dois gumes na carne  
de cara espécie  
de objeto jamais  
com utilidade prática

e por acaso corre  
as mãos na pele  
e acha  
aquela cicatriz  
em souvenir  
de qualquer ontem?  
invisível? talvez  
tenha esquecido  
que era assim doce

assim como  
sem alguma coerência  
se passa do sujeito  
para a consequência  
neste caso mordente

de repente blue devils  
pensa e quem sabe  
uma pistola  
implode a cabeça.

2.

entretanto  
um quase é sempre  
e tudo que existe

e o quase é mais  
vazio que o vazio

por isso o termo  
explodir pra dentro  
que so ocorre com  
o que é cheio de oco

3.

estar a um passo  
é sempre do poço  
ou precipício

milhares de  
quilômetros  
entre si e si



1.

encontro consigo  
cego luz do  
espelho bipartido  
de fim a fim

essa coisa humana  
mente se expondo  
em dois gumes na cara  
da cara espécie  
de objetos jamais  
com utilidade

e por acaso corre  
as mãos na pele  
e acha  
aquela cicatriz  
um souvenir?  
esquecido  
que era assim doce

assim como  
sem alguma coerência  
se passa do sujeito  
para a consequência  
mordente nesse caso

de repente blue devils  
pensa e quem sabe  
uma bala na ideia  
não impediria  
a cabeça

2.

entretanto  
o quase é sempre  
e tudo que existe

o quase é mais  
vazio que o vazio

exemplo

correr no mesmo  
passo  
atrás de quem  
se move um passo  
de cada vez

exemplo

estar a um paço  
só de poço  
ou precipício

exemplo

sempre a um passo  
são outros quinhentos  
quilômetros entre  
quem e quem

1.

encontra consigo  
cego de luz do  
espelho partido  
de fim a fim

essa coisa humana  
mente se expondo  
dois gumes na cara do cara

que essa mente o dentro  
e esconde o real  
centro nele

1.1.

e por acaso corre  
as mãos na pele  
e acha  
aquela cicatriz  
um souvenir  
invisível ate antes  
e esquecido  
que era assim doce  
como a dor pode

e o porquê-dor  
volta em objeto  
que não mente  
a nostalgia  
cortante

ou mente  
e corta ainda  
mais mas  
não aquele corte  
de trépano não  
é um corte que vai  
aliviar o cérebro  
da pressão

é um de excesso  
de pressão  
negativa  
que leva a tentar  
uma saída

assim como  
sem alguma coerência

se passa do sujeito  
para a consequência  
nesse caso mordente

de repente lembra  
o que já tinha  
pensado  
pensa quem sabe  
uma bala na ideia  
não implode  
a cabeça?

## 2.

entretanto  
o quase é sempre  
e tudo que existe

e o quase é quase mais  
vazio que o vazio

exemplo  
correr no mesmo  
passo atrás de quem  
se move um passo  
de cada vez

exemplo  
viver pensando e  
dentro da cabeça  
nunca fazer  
que aconteça  
o plano

exemplo  
viver sem risco e  
com medo de chegar  
a qualquer onde

### 2.1.

estar a um passo  
desse onde já é  
estar a um  
do poço  
ou precipício

morte que se morre  
vivo

sempre a um passo  
é ate sem aonde  
    são outros quinhentos  
    quilômetros entre  
    você o alvo

quem sempre a um passo  
nunca esta mais perto  
nem mais longe

(...)

## A SAUCERFUL OF SECRETS

o dia todo ouvindo  
música psicodelica

calar a mente

entrar num labirinto  
pra fugir de outro  
de viver  
fazer coisas

e aqui dentro  
um raciocínio muito denso  
mas na rua  
não vale um cuspe

quatro horas escrevendo  
trinta e nove palavras  
sempre as mesmas

e todas apenas eco  
de digressões  
sobre o nada

por que pensar tanto  
e tanto nesse nada?

mas novamente  
uma boa teoria  
das coisas

que mais uma vez  
não serve nem  
pra impressionar ninguém

tortura mesmo  
é ter esses olhos lavados

\* — \* — \* — \* — \* — \*

Mas se a proposta era falar de coisas, por que falar de nada? Ou chegar ao nada com coisas?  
Esse é o verdadeiro labirinto?



onde já se viu um herói  
andar na rua com  
fones de ouvido?  
com as mãos nos bolsos  
cabeça baixa  
fora da faixa  
correndo riscos.

onde já se viu um herói  
tao sem heroísmo?  
sem objetivo nem sentido na vida.

só umas perguntas.  
prevendo o futuro (porque eu posso):  
na segunda vai ganhar  
um quarto de doce.  
já conheço coisa mais quente.

felicidade é uma palavra  
mas nunca pode dizer isso  
que não aceitam teorias.

um lema tatuado na mente:  
selflessness and  
no martyrization  
but we all know that  
selflessness is so selfish...

## XVII

Todos irão sempre contra ti  
porque tens pureza.

Porque o agitado de tuas mãos  
é quase nostálgico.

Porque tens olhos  
ficarao abertos  
para quem os vius  
uma única vez.

Todos irão sempre contra ti  
porque hás de querer  
um mundo novo e diferente.  
Porque és estranho  
e diferente para o nosso mundo.

És quase um louco  
porque não dás atenção  
à toda gente.

Dirão que és poeta.  
Porque a poesia aparece nos teus gestos  
como aparece fe na oração de um crente.  
Mas o amor agora é tão difícil.

Não existes para mim.  
Mas agitado, febril,  
quase doente, és vivo...

Vivo demais para viver conosco.



Eu não quero outra coisa  
só quero uma

Que isso que queima fosse verdade!  
Se fosse. Não sei  
o que seria

b.

só uma coisa      a maior delas  
a coisaagora      verdadiamante  
ou melhor      se chama  
chama      coisa que queima  
há duas      uma  
forte e antiga      outra  
branda      nem se desenvolveu  
toda boa lâmina  
é lisa      e doce  
isso não      é so e apenas  
acidente  
tropeço

c.

a coisa que queima se chama  
chama  
coisa que está no centro  
dentro das entranhas  
inflamada entramada nas fibras  
entranhada e estranha  
há essa coisa sem palavra  
e sem chamar      so chamada  
por um algo não nome  
desejo mortalmente  
o nome da agora coisa é também absurdo  
como pode o fogo?  
o que queima até consumir  
ora se isso destrói      como desejar com  
chama?      como querer até a morte?  
se depois não se tem?

d.

a agora coisa que levo se chama  
chama  
coisa entramada na entranha  
entranhada nas fibras  
tem uma estranha palavra não nome  
desejar até a morte

e.

a coisa de que falo é a coisa  
 que faz eco no escuro  
 a coisa de que falo é  
 o instrumento da vitória  
     nome de mulher  
 isto conseguido sem esforço  
 isto de que falo  
 a fala

f.

a coisa de que falo  
 é um vômito contido  
 essa coisa que queima se chama  
 chama da entranha  
 o estranho não nome  
 do desejar calado

essa coisa de que falo  
 é também o que desejo  
 e calo  
 uso uma palavra  
 não nome  
 para referir o que está dentro  
 e queima  
 e é só uma pena  
 um peso

g.

aquilo de que falo  
 é o que tanto sabem  
 não preciso dizer um nome  
 para mostrar o que melhor  
 se compreende no escuro  
 falo do que esta do outro lado  
 e é inalcançável

ou é alcançável por alguns não mim  
 ADENDUM  
 APPENDIX  
 a palavra escrita no espelho  
 as palavras que não fazem  
 sentido juntas o que não trabalho  
 foi outro que disse eu queria ter es-  
 crito um livro DO DESEJO  
 do deserto do não beijo essa palavra

h.

essa palavra que eu não quero dizer

## DESEJO

essa palavra que queima em mim e se chama  
 chama      ainda que estivesse no deserto  
 mais seco      minha boca estaria úmida  
 de querer      ainda que estivesse exilado  
 na sibéria      meu corpo estaria quente  
 de querer com fogo      fervor de sangue ardente  
 ou melhor querer com fervor de crente  
 e uma febre de doente

h.0.

essa palavra que não quero dizer  
 DESEJO  
 isso que queima e se chama  
 chama      reescrevi todos os livros  
 que tinha lido  
 para que alguém me saiba  
 ponho meu nome no que não é meu  
 nem eu mesmo  
 me reconheço      só sei  
 de uma coisa entranhada  
 nas fibras de mim  
 usei palavras graves  
 gravadas a ferro  
 mas so quero saber de entrar  
 cada vez mais no labirinto  
 eu quero eu quero eu quero  
 nem eu mesmo  
 me enxergo no que sou  
 olho nas caras dos outros  
 tentando me encontrar  
 mas tudo isso no princípio apenas  
 queria dizer      olhos azuis  
 depois      tênis vermelhos  
 depois      nada      que é o que  
 estava e ainda está  
 e não se escapa  
 nunca.

h.1.

mas essa palavra que não quero dizer  
 DESEJO  
 isso que queima e se chama  
 chama  
 são tênis vermelhos em sua dança  
 e calças também  
 e não é ninguém  
     é a dança vermelha

dos tênis nos pés  
 calcanhares são nomes  
 que giram o corpo  
 eu usaria até o termo  
 gracioso  
 ou outro um  
 que não encontro  
 isso quero e quero e o que eu quero  
 se chama  
 fogo inflamado                  dentro de mim  
 por essa dança

## h.2.

ou por outra dança  
 que são os olhos      o uso próprio  
 de dois pra lá dois pra cá    a expressão  
 perfeitamente burra  
 o obstáculo à leitura do que seja  
 em olhos      é o desviar  
 sem nunca encontrar de novo

## h.3.

mas isso que quero  
 e temo  
 esse bale da cor  
 de notas baixas  
 isso não me infala  
 e não    não se chama  
 chama    pelo contrario  
 se apela por outra palavra  
 que é uma palavra  
 nunca usada  
 o mesmo nome  
 do homem

## h.4.

havia também um anjo  
 mas só cri por um dia  
 voltei ao ateísmo de sempre  
 e ao cinismo  
 quando de repente  
 de repente

## h.5.

mas isso que quero  
 e temo ter  
 essa dança da cor

de sangue de artéria  
 não tem nome de fogo  
 nem de gente  
 nem de qualquer  
 matéria conhecida  
 é um algo que não  
 o que me queima  
 e não se conhece por  
 labareda  
 é o impossível  
 o zero ao invés  
 o tudo

## h.6.

mas agora que finalmente falei  
 de danças de olhos de ténis  
 e tais coisas  
 é como se

## h.6.1.

mas isso não é.  
 simplesmente não.

## i.

essa palavra que não quero dizer  
 DESEJO  
 tem o mesmo nome do medo  
 o que é intenso  
 um vazio no centro

## j.

saber nomes de poetas  
 e recitar versos  
 de madrugada  
 em voz alta  
 eu sentia que estava  
 cheio de vida  
 e por isso  
 estava morrendo

## k.

caótico disperso  
 desorganizado      assim  
 o que corre na chuva  
 para se sentir vivo  
 se estar vivo  
 é estar molhado      assim

com a mente em parafuso  
 é uma confusa  
 epifania negativa      déjà vu  
 de um déjà vu      quem  
 já sonhou  
 um sonho dentro de um  
     sabe do que eu falo  
 o pavor do inescapável  
     quem conhece a  
     paralisia do sono  
 quem lutou com deus  
 que o não deixava  
 dormir nem acordar  
     quem pensa em  
     arte  
 (esta uma é menos cabral)  
 essas coisas que saem num vômito  
 eu queria não escrever  
 como quem mija  
     antes  
             eu queria  
 viver como quem mija  
 não como quem  
 pede desculpa

l.

o que eu farei  
 quando acabarem as letras?  
 al-kawarizmi

m.

mas falamos daquilo  
     secreto  
 mesmo quando revelado  
 desejar o objeto  
     de desejo  
 e ser dele o  
     de desprezo  
 ainda que não o despreze  
 e até o queira bem  
 o problema aqui é  
 a proporção  
 uma questão  
 de não tanto quanto

n.

ecos de fracassos.      caminhando

sobre destroços de pretensão  
     o orgulho por um segundo  
     logo em cacos  
 vestígios de ter tentado algo  
 tentado errado

\*

amar a humilhação e a tortura  
 e não tirar nada de bom  
 dessas duas      so sentir  
 a crueldade  
 de quem se esforça em rir  
 cotidianamente o desrespeito  
 ao que de precioso  
 se oferece

\*

não era disso que se falava

é uma pena ter que falar em tempo

estar no tempo

quando ele não é nada  
 mais que uma água

um desespero

livro escrito em estilo muito pobre  
 o anteriormente anunciado

são só palavras      depois      antes

\*

lembro ainda quando a vida  
 era inteira  
 feita de merda

O.

mas essa palavra que não quero dizer  
 isso que queima e se chama  
 chama  
 são frases e poemas  
 em sua dança  
 e a memória de que  
 ainda há vida  
 mesmo que a morte  
 esteja caótica   em parafuso  
 mesmo sem certeza nenhuma

é so insegurança  
 e medo de ficar  
 sozinho para sempre  
 e sem ninguém  
 e nunca provar  
 o que há de bom  
                                 mesmo que            nada  
 a grande mentira  
 não há possível  
 justificativa

p.

não vejo nada  
 não vejo a fita  
 dominada  
       eu vejo os preto  
       sempre triste  
       nos canto do mundão

— *Mano Brown*

q.

que horrível é poder não usar as palavras  
 ainda que elas existam!

u.

folha seca num  
 vendaval  
 um inútil:  
 é morrer aos poucos  
 eu me sentia assim,  
 tio

— *Mano Brown*

v.

escrevendo  
 a sensação constante  
 de estar pondo merda  
 no papel

w.

lembra do espírito  
 do 14 de julho?  
 ele é tão vazio  
 quanto ser enrolado  
 pelas fantasias



as madrugadas  
dedicadas  
ao nada

aquilo que se chama  
loucura  
de querer o que não tem

e o que  
sabendo disso  
se mantém perto  
sem estar totalmente

creio que aqui voltamos  
ao espírito  
do primeiro ensaio  
deste livro

o que é menor arte  
que isto?

ter dezesseis anos  
sentir-se ridículo  
algo supera?

X.

acabei de inventar  
uma nova fantasia:  
voz aguda  
meu deus  
tenho que trabalhar  
nada me é dado  
e nem permitem  
o suicídio:  
    quando mais eu escrevo  
    menos estou escrevendo  
de natural já não digo nada  
agora nem mais construo  
    só estou lembrando

O QUÊ?

\_\_\_\_\_ como é  
possível ser poeta  
sendo tão egoísta? \_ \_ \_ \_ \_

y.

One of these days  
I'm going to cut you  
into little pieces

— *Pink Floyd*

z.

é um número z  
simétrico  
no alfabeto  
da letra z (dois) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ chega de conversa  
vamos direto  
ao que interessa  
não sei o que é também  
mas tudo bem  
vamos  
preciso de força  
pelo menos  
para escrever até o fim deste livro  
\_\_\_\_\_ não para viver depois disso.

\*  
\*  
\*  
\*  
\*  
\*  
\*

★

# LIVRO O

O QUE SE DIZ  
EM VERDADE  
A RESPEITO DA VIDA

---

GRITOS DE DOR

---

LAMENTOS

---

E OUTRAS MENTIRAS  
(e citações apócrifas)

★

OU

# Escritos sobre LABIRINTOS

i.e.

A exatidão

do Caos

Caos

Caos

Caos

Caos

black states in the hour of Chaos

Kháos

Caus

Parte-se talvez de uma reconciliação. Ou a conciliação pela primeira vez. Daqui-lo chamado fundo com aquilo chamado forma. Algo que talvez se possa chamar poema. Depois de muitos meses.

Trata-se de enigmas obscuros. Que é subtítulo de outro livro. Aqui há labirintos e a morte ciclica. Aqui anda-se em círculos. — Se no labirinto de Abenjacan, o Bokari, chegava-se ao centro ao andar sempre para a direita, é porque aquele era um labirinto irregular. Não este. Este se pretende regular, e ir sempre para o mesmo lado é andar em círculos.

— 27.8.2015

O  
LABIRINTO  
DENTRO  
DO  
MONSTRO

“Então eu havia me perdido num labirinto de perguntas [...]”

— *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector



os sinais nas paredes  
do labirinto  
são não nomes

uma confusão de querer  
dizeres a luz  
do dia      é falável  
que a epifania  
é a verdade em pedaços

porque sentir o por dentro  
caótico  
é o achar a si  
em cacos

ter fragmentos de eu  
perdidos

e não saber mais  
onde eles se encaixam ou  
se já encaixaram

e quando dizem a palavra  
nome      já não dizem  
a pessoa

porque agora  
a pessoa se torna  
impossível  
e nada mais pode  
que desexistir

## NA COZINHA

o pano de prato  
em cima do balcão  
(e um jeito certo  
de estar desarrumado)  
é o primeiro alvo  
do olho que chega  
a esse concerto do desconcerto  
muito bem ensaiado  
como se tirando uma peça  
do seu lugar errado  
não se arrumasse nada  
mas destruísse toda  
a premeditação  
da desordem ordeira  
bagunça familiar

## RASCUNHO

se libertar como  
cometer um assassinato  
do que pesa  
e te encurva

ou como  
florescer no meio da agonia  
de viver

se seu nome  
florescente  
fosse agonia isso  
seria mais que uma rima  
seria a  
própria vida

## WHEN I WAS MYSELF

a lua não merece ser olhada  
nem nenhuma foto  
mas não há opção

os acontecimentos me fizeram  
tão pobre e é tudo  
vazio demais

não é sofrer se é por nada

caminhando nos destroços  
da última grande coisa  
não dou mais a mínima

— 6.11.2015

Gostava de percorrer com meus olhos os teus passos, naquele carmim lábio de carrossel. Girava tantas vezes aqueles olhos escondidos através das lentes, aqueles caleidoscópios do coração esvoaçando teus sorrisos pelas brisas de inverno tão frio, em dentinhos de neve. E escutava sua voz em risos, cantarolando as paródias do pensamento em cócegas a balançar as mãos contagiadas em rebuliço. Condensa-se a noite nas pontas dos cigarros, no fundo dos vidros das janelas, em óculos das almas com lágrimas de estrelas a pensar rodopiando nos toques de piano dos teus dedos aos meus, em flerte de fuga, aguardando a chegada dos teus braços violoncelista num afago imaginário. Descarregam-se os cinzeiros pelas brisas dos romances incontáveis escritos de silêncios inquietos, contando elegias nos semblantes tristes de inverno com perpétuos dos sentimentos de corolas decaídas pétala a pétala nas linhas dos papéis gastos à toa atrás do teu rosto de perfil nas fotografias imaginárias. E como se nunca passasse repito narizes, olhos de cílios compridos, lábios com as mechas decaídas com mimos das franjas num rosto perfeito, por trás dos óculos embaçados no breu: o rosto apaixonado com a alma salpicada em estrelas.



ONE OF THESE  
DAYS  
I'M GOING TO  
CUT YOU  
INTO LITTLE  
PIECES \*\*\*